

Por que parte da especialidade está sendo relegada a segundo plano dentro do diagnóstico por imagem?

Why has part of the specialty been relegated to the backstage in the field of imaging diagnosis?

Antonio Carlos Pires Carvalho

Professor Associado do Departamento de Radiologia, Coordenador Adjunto do Programa de Pós-graduação em Medicina (Radiologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: acprcj@hucff.ufrj.br

Sr. Editor,

Os radiologistas formados até meados dos anos 80 quase só tiveram oportunidade de aprender a velha, centenária, e hoje em dia relegada a um segundo plano, radiologia convencional, pois a maioria de nossos hospitais ligados ao ensino, com residência médica, não dispunha de ultrassonografia (US), outro método que começa a conhecer o limbo da preferência dos novos. Alguns dos “veteranos” enveredaram por esta seara, conseguiram aprender US, que usaram por muitos anos no dia-a-dia do seu trabalho. Outros enveredaram pelas trilhas da tomografia computadorizada (TC) e ressonância magnética (RM), por gosto pessoal e vontade de seguir tecnologia. Outros optaram por parar onde estavam.

Observa-se, em meio a estagiários, médicos residentes, mestrandos e doutorandos um “quase descaso” tanto em relação à radiologia convencional quanto à US. A TC e a RM, em contrapartida, atraem os olhares e gostos dos mais novos. Curiosamente, toda a base do diagnóstico por imagem é a velha radiologia convencional. A partir dela é que se aprende a interpretar, pensar, variar e sugerir outras coisas. Tenta-se descobrir alguma razão além do simples retorno financeiro para isso, pois já se foi o tempo em que quem fazia RM ganhava quanto queria. Creio que se pode afirmar que o papel se inverteu. Com tanta gente nova só se preocupando em aprender RM e TC, quem sabe fazer e dar laudo com qualidade nos “velhos exames” voltará em breve a ter valor no “mercado”?

Então, preocupado com essa tendência, em especial no quase manifesto desgosto que alguns residentes mostram por perder tempo aprendendo radiologia convencional e US, fizemos um levantamento na revista **Radiologia Brasileira (RB)**, para ver o que ainda é publicado sobre estas “subespecialidades” quase abandonadas. O levantamento foi feito procurando por publicações dos últimos dez anos, que seriam um bom referencial. Com a palavra ultra-sonografia, escrita à moda antiga, com hífen, encontram-se 77 artigos. Passando então para a grafia atual, ultrassonografia com duplo s, foram publicadas no **RB** 63 artigos desde 2009.

Para comparar, busca-se um salto internacional. Quem sabe “abaixo do equador” somos obsoletos e no primeiro

mundo não se faz mais esta coisa. No PubMed, digitando *ultrasound*, aparecem mais de 387 mil referências, sendo mais de 98 mil nos últimos cinco anos e quase 180 mil em dez anos. Digitando *x-ray* e limitando a procura a dez anos, alguém arrisca um número? Mais de 350 mil artigos. Voltando à **RB** e digitando radiografia, surgem 55 artigos. Fazendo a procura com “radiografia OU convencional”, aparecem 83 referências.

Diante dessa quantidade de referências, quais seriam os temas destes artigos? Fica-se gratificado, muito satisfeito, por ver que trabalhos muito interessantes ainda são feitos e publicados a partir desses métodos. Alguns estão aqui listados: gossipiboma abdominal⁽¹⁾, quatro belos relatos de caso⁽²⁻⁵⁾, espessamento parietal da vesícula biliar⁽⁶⁾, correlação do PSA com câncer de próstata⁽⁷⁾, estudo dos ventrículos cerebrais⁽⁸⁾, US na classificação BI-RADS⁽⁹⁾, sangramento uterino anormal⁽¹⁰⁾, complexo médio-intimal em aterosclerose⁽¹¹⁾, comparação de US e RM no fluxo portal⁽¹²⁾, *endoleaks* no tratamento endovascular de aneurismas aórticos⁽¹³⁾, anormalidades do primeiro trimestre da gravidez⁽¹⁴⁾, alterações radiográficas pulmonares no tratamento da paracoccidiodomicose⁽¹⁵⁾, neurofibromatose⁽¹⁶⁾, estudo da coluna cervical após tração⁽¹⁷⁾, e finalizando, três artigos abordando física médica⁽¹⁸⁻²⁰⁾.

Certamente outros leitores terão outras preferências.

Cabe então perguntar: será que abandonar estas áreas do conhecimento radiológico tem alguma lógica, é sinal de bom senso? Ainda que seja por pensar apenas no lado financeiro da profissão, saber algo mais que TC e RM pode ser muito bom. Nem que seja para permanecer diferenciado num mercado de trabalho cada vez mais exigente e, talvez, pasteurizado. Creio que os residentes destes “tempos modernos” (citando o genial Chaplin) devem pensar nisso. Nem há necessidade de criar um diferencial, basta não perdê-lo...

REFERÊNCIAS

1. Chagas Neto FA, Agnolitto PM, Mauad FM, et al. Avaliação por imagem dos gossipibomas abdominais. *Radiol Bras.* 2012;45:53-8.
2. Mizerkowski MD, Spolidoro JVN, Epifanio M, et al. Divertículo de Meckel ao Doppler em cores: relato de dois casos. *Radiol Bras.* 2011;44:268-70.
3. Rios LTM, Oliveira RVB, Martins MG, et al. Lipoma espinhal associado a seio dérmico congênito: relato de caso. *Radiol Bras.* 2011;44:265-7.
4. Braga FNHF, Braga MV, Andrade Neto F. Doença de Paget com acometimento sacral: relato de caso. *Radiol Bras.* 2010;43:339-42.
5. Baldisserotto M, Fiori H, Fiori R, et al. Neonato com ascite urinária e ruptura de cálice renal secundárias a válvula de uretra posterior: diagnóstico ultrassonográfico. *Radiol Bras.* 2011;44:68-70.
6. Barbosa ABR, Souza LRMF, Pereira RS, et al. Espessamento parietal da vesícula biliar no exame ultrassonográfico: como interpretar? *Radiol Bras.* 2011;44:381-7.
7. Castro HAS, Iared W, Shigueoka DC, et al. Contribuição da densidade do PSA para prever o câncer da próstata em pacientes com valores de PSA entre 2,6 e 10,0 ng/ml. *Radiol Bras.* 2011;44:205-9.
8. Garcia RF, Lederman HM, Brandão J. Estudo dos ventrículos cerebrais por ultrassonografia, na criança normal, nascida a termo, de 1 a 6 meses. *Radiol Bras.* 2011;44:349-54.
9. Calas MJG, Alvarenga AV, Gutfilen B, et al. Avaliação de parâmetros morfo-métricos calculados a partir do contorno de lesões de mama em ultrassonogra-

- fias na distinção das categorias do sistema BI-RADS. Radiol Bras. 2011;44:289–96.
10. Feitosa IMSD, Feitosa HN, Carvalho FHC, et al. Comparação entre ultrassonografia transvaginal e histerossonografia na avaliação de pacientes com sangramento uterino anormal. Radiol Bras. 2011;44:156–62.
 11. Soares CM, Koch HA, Montenegro CAB, et al. Dilatação fluxo-mediada da artéria braquial e complexo médio-intimal das artérias carótida e braquial: avaliação de indivíduos com e sem fatores de risco para aterosclerose. Radiol Bras. 2010;43:389–93.
 12. Leão ARS, Sales DM, Santos JEM, et al. Avaliação do volume de fluxo portal em pacientes esquistossomóticos: estudo comparativo entre ressonância magnética e ultrassom Doppler. Radiol Bras. 2010;43:355–61.
 13. Chagas Neto FA, Barreto ARF, Reis HF, et al. A importância do diagnóstico por imagem na classificação dos *endoleaks* como complicação do tratamento endovascular de aneurismas aórticos. Radiol Bras. 2010;43:289–94.
 14. Rios LTM, Oliveira RVB, Martins MG, et al. Anormalidades do primeiro trimestre da gravidez: ensaio iconográfico. Radiol Bras. 2010;43:125–32.
 15. Moraes CS, Queiroz-Telles F, Marchiori E, et al. Análise das alterações radiográficas pulmonares durante a terapêutica da paracoccidiodomicose. Radiol Bras. 2011;44:20–8.
 16. Muniz MP, Souza AS, Criado DAB, et al. Neurofibromatose tipo 1: aspectos radiológicos do tórax. Radiol Bras. 2010;43:167–70.
 17. Souza RB, Lavado EL, Medola FO, et al. Análise radiográfica da coluna cervical em indivíduos assintomáticos submetidos a tração manual. Radiol Bras. 2008;41:245–9.
 18. Soares FAP, Pereira AG, Flôr RC. Utilização de vestimentas de proteção radiológica para redução de dose absorvida: uma revisão integrativa da literatura. Radiol Bras. 2011;44:97–103.
 19. Luz RM, Hoff G. Estudo comparativo da qualidade da imagem e do kerma, de entrada e de saída, em simulador de tórax utilizando sistemas analógico e digitalizado CR de aquisição de imagens. Radiol Bras. 2010;43:39–45.
 20. Parizoti A, Ghilardi Netto T. Estudo de otimização de imagens em fluoroscopia intervencionista. Radiol Bras. 2009;42:375–8.